

Editorial

Os novos *Cadernos de Filosofia Alemã* resultam da iniciativa conjunta de dois grupos do Departamento de Filosofia da FFLCH-USP que têm nos autores alemães, ou ligados ao contexto da filosofia alemã, o seu principal objeto de estudo. Como muitos de seus membros, inclusive os editores responsáveis pela revista, estiveram envolvidos com estes *Cadernos* em sua primeira fase (1996-2002), prevaleceu entre nós a idéia de retomá-los, embora modificando alguns aspectos.

Pretendemos agora, por exemplo, que os *Cadernos* passem a ser uma publicação de âmbito nacional, de modo a favorecer o intercâmbio e o diálogo entre todos aqueles que, nos diversos departamentos de filosofia do Brasil, têm interesse pela filosofia alemã e por temas a ela relacionados. Pretendemos também estimular a produção de artigos que, não se restringindo ao comentário dos textos clássicos, tomem posição a partir deles, seja do ponto de vista exegético, seja do ponto de vista filosófico.

Acreditamos que o mote adotado pela revista desde os seus primeiros números, cunhado por Rubens Rodrigues Torres Filho – a filosofia como “convite à liberdade e à alegria da reflexão” –, deva servir, de fato, como uma espécie de fio condutor para nossas decisões editoriais. Pois assim esperamos contribuir para o alargamento dos já amplos horizontes que delimitam a reflexão filosófica feita hoje no Brasil, a partir do diálogo com os autores de língua alemã.

Nesse sentido, achamos interessante iniciar o presente número com um artigo de Marcio Suzuki sobre Gerard Lébrun, apresentado oralmente por ocasião do lançamento de *A filosofia e sua história*, livro que compila diversos artigos deste que foi um dos grandes mestres nessa arte de “refletir com liberdade e alegria”.

Nos artigos seguintes, buscou-se dar guarida a diferentes temas e abordagens, assinalando assim o pluralismo que julgamos necessário a uma publicação como esta: o pensamento político de Hannah Arendt é discutido por André Duarte; questões estéticas do jovem Lukács são tematizadas por Arlenice da Silva; Thiago Santoro desen-

volve uma reflexão sobre a questão do “eu” em Fichte e Kant; e a seção de artigos se encerra com um artigo de Maria Lúcia Cacciola, retomando exposição feita no último encontro da Anpof, sobre a questão da morte em Schopenhauer.

Na seção seguinte, apresentamos a correspondência inédita, traduzida por Ernani Chaves, travada entre Wolfgang Müller-Lauter e Max Horkheimer em torno dos *Nietzsche-Studien*. Como diz o tradutor, são cartas que dão a conhecer tanto acerca do início da publicação que se tornaria o principal periódico dos estudos nietzschianos, quanto dos últimos anos de vida daquele que foi, como se sabe, um dos grandes nomes da Teoria Crítica.

Na seção de resenhas, por fim, comparecem uma análise de Aléxia Bretas sobre *Passagens*, a grande obra de Walter Benjamin que saiu em setembro último no Brasil, traduzida por Irene Aron, e os comentários de Pedro Paulo Pimenta sobre a recém-lançada edição brasileira da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Kant, traduzida por Clélia Martins.

Embora este seja o nono volume dos *Cadernos de Filosofia Alemã*, ele é também o primeiro, já que marca uma nova etapa da publicação. Como costuma ocorrer em números iniciais, não pudemos recorrer apenas ao sistema de pareceres, de modo que boa parte dos artigos aqui publicados são fruto de convites feitos aos autores. A partir do próximo número, porém, adotaremos o sistema de “parecer duplo” que tem sido a opção de boa parte das revistas acadêmicas de prestígio, tanto no Brasil como no exterior.

Esperamos que isso ajude a garantir o padrão de qualidade por nós almejado, em consonância com o espírito de rigor teórico sem o qual a liberdade e a alegria da reflexão, para retomar o mote há pouco mencionado, perderiam o seu sentido.